

A MARIA TERESA

Há mais de vinte e tal anos atrás, quando eu e a minha mulher nos dirigíamos para a maternidade, estávamos felizes e pouco apreensivos. A gravidez tinha decorrido sem intercorrências significativas, embora a bebé se mexesse pouco, e não havia razões para grandes preocupações. Eu estava na sala de reanimação e pude, desde logo, de uma forma inequívoca, aperceber-me de que a Teresa apresentava estigmas físicos de Trissomia 21.

Foi um choque indescritível e, sem dúvida, o momento mais difícil da minha vida. No dia seguinte, ainda tentei negar o diagnóstico, invocando as muitas semelhanças físicas entre a Teresa e alguns dos nossos familiares. Nas semanas que se seguiram, eu experimentei um sentimento de profunda revolta contra tudo e contra todos.

Revolta contra os médicos, contra os políticos, contra a sociedade, contra o sistema educativo, contra as agências sociais, contra os hospitais, contra o sistema fiscal, contra os padres, contra Deus, enfim contra tudo. Lentamente, progressivamente, comecei a aperceber-me de que a Teresa existia e que não havia razões para os meus sentimentos de revolta. Ela trocava o olhar comigo. Ela começou a sorrir para mim. Descobri, então, um novo mundo. Descobri que a Teresa era, apesar das suas peculiaridades físicas, comportamentais e emocionais, uma criança como as outras. Trapalhona, é certo.

Comecei, então, a aperceber-me que, mais importante do que as aquisições psicomotoras, do que as competências ou do que as habilidades, era gostar dela e rir das suas trapalhices.

Hoje, sobretudo quando vejo a sua inigualável felicidade e gosto de viver, sinto-me profundamente envergonhado com os sentimentos que manifestei no período que se seguiu ao seu nascimento.

Quando alguém bate à porta da nossa casa, seja um familiar, uma visita, um profissional de inquéritos de opinião ou um mendigo, a Teresa

mostra, em todas as ocasiões e circunstâncias, uma gentileza e uma afabilidade inextinguíveis. Adicionalmente, consegue perscrutar, com uma facilidade surpreendente, os estados de espírito dos seus interlocutores: se estão cansados, indispostos, tristes, aborrecidos, alegres, zangados, etc,..., discriminando, com uma grande precisão e sentido de oportunidade, as mais subtis cores da complexa paleta emocional de cada um. Interessa-se, genuinamente, pelas pessoas e pelos seus pequenos problemas concretos. Fica muito impressionada com os motivos de preocupação das pessoas, sejam elas crianças, adolescentes ou adultos. E tenta, sempre com uma grande tenacidade, encontrar soluções para os problemas, o que, amiúde, anima as pessoas e, não raramente, as deixa sinceramente comovidas.

Nas lojas, pede pouco para si e não exhibe grandes sinais de vaidade. Mas quer comprar inúmeros presentes para oferecer aos outros, sejam irmãos, amigos ou simples conhecidos. E há sempre uma grande adequação das prendas aos destinatários, conseguindo intuir, de uma forma admirável, sobre os gostos e as preferências destes.

No supermercado (para além de querer comprar todas as gulodices), tenta, novamente, meter no carrinho das compras o maior número de prendas para os amigos. E abre um grande sorriso para quem quer que olhe para ela.

E quando chega à caixa registadora, para além de deixar passar para a frente as pessoas com poucos artigos, quer saber o nome da operadora, fazendo-lhe umas quantas perguntas pessoais (a que horas fecha o estabelecimento, se é casada, se tem filhos e como se chamam,...).

Nos desportos e actividades competitivas, não quer ganhar a todo o custo e não se importa de perder. Quando algum parceiro ou adversário cai e se magoa, ela interrompe a actividade e, de imediato, ajuda-o, indiferente às pressões dos parceiros da equipa para se aproveitar das circunstâncias. Quando, numa situação de jogo, é necessário ficar alguém de fora, ela toma a iniciativa de se oferecer para observadora.

Na rua, é delicada com todos. A um qualquer cumprimento, ou mesmo a um simples olhar, ela retribui com um sorriso aberto e franco, numa manifestação de incomparável simpatia e amabilidade. Reage bem, sem ressentimentos, às palavras, menções e actos menos agradáveis a seu respeito, fingindo não compreender. Esquece, muito rapidamente, as afrontas e as tentativas de exclusão!

Dá tudo o que tem. Se alguém, nomeadamente os irmãos ou os amigos, cobiça os seus haveres, ela dá-los, de imediato, e sem hesitações. Não conhece o significado da palavra inveja. Nunca sentiu inveja. Nunca desejou mal a ninguém.

Está sempre alegre, bem-disposta e contente. Quando chego a casa cansado, ela senta-se a meu lado e, com uma grande ternura, faz-me perguntas sobre o meu trabalho, sobre as pessoas e os seus problemas. Quer saber pormenores e, quase sempre, avança soluções, que muitas vezes, tenho de confessar, segui. Por vezes, à noite, no sofá, numa manifestação de incomparável ternura, sussurra-me ao ouvido algo que nem a minha mulher, hoje em dia, se lembraria de dizer: "Oh Pai, tu és cá um borracho".

A Teresa tem, sem dúvida, um défice cognitivo, ou seja, um quociente de inteligência inferior ao esperado para as jovens adultas da mesma idade. Mas será isto realmente importante? Sei, também, que, em contrapartida, o seu quociente de alegria, ou melhor, o seu quociente de felicidade, ou, se preferirem, o seu quociente de bondade, é muito superior à média. Ela manifesta, permanentemente, um grande despojamento material. E sabe, como ninguém, perscrutar e confortar as almas. Tal como já disse, sinto-me, hoje, sobretudo quando vejo a sua inigualável felicidade, alegria, gosto de viver e generosidade, profundamente envergonhado (e embaraçado) com os sentimentos que manifestei no período que se seguiu ao seu nascimento. Perguntam-me, muitas vezes, se é possível falar da espiritualidade das crianças com diferenças. A resposta é afirmativa: apesar das suas inúmeras particularidades, as crianças com

deficiência possuem, de resto como todas os meninos, uma alma do tamanho do mundo. Desculpem-me a franqueza e a falta de modéstia, mas minha filha Maria Teresa é, muito provavelmente, um anjo.